

A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

VOL. I.

DOMINGO 3 DE FEVEREIRO DE 1856.

N.º 9.

PARTE LITTERARIA.

UMA AVENTURA NO AMAZONAS.

I.

· Não me recordo do nome do velho missionario, que penetrando nas florestas, que bordam o Amazonas, exclamou entusiasmado : « *Que bello sermão são estas florestas.* »

Com uma palavra pretendia fazer comprehender sua sublime belleza ; com uma unica palavra sem duvida, para quem tem imaginação, pintava aquellas immensas arcadas formadas pelos vinhaticos, entrelaçando a oitenta pés de altura, seus robustos ramos, como as ogivas de nossas cathedraes, se entrelaçam em sublime regularidade : com uma palavra pintava aquelles cipós esverdidos, abraçando em suas immensas espiraes algum velho tronco de sapucaia, assim como uma serpente que se conservasse immovel, como a serpente dos Hebreus, enroscada em sua columna de bronze ; com uma palavra pintava ainda aquelles aloés, que abrem na extremidade dos jaquetibás seus immensos calices de verdura, promptos a receber o orvalho do céo ; aquelles candelabros de cactus, algumas vezes dourados pelos raios do sol, e adornados de uma grande flor rubra, como a de um fogo solitario ; aquellas grinaldas de epidendrum, agitando-se pelo vento, e evitando a obscuridade das florestas, para rebentar suas flores por cima do templo ; aquellas bignonias grinaldas ephemeras que formam mil festões. O velho religioso descrevia igualmente o grito magestoso do guariba, cujo silencio é interrompido á tarde, e que se prolonga como a psalmodia de um côro, em quanto que o ferrador (araponga) soltando com entervallos seu sonoro grito, imita a vibrante voz, que marca as horas nas nossas cathedraes.

Aquellas solidões não são isentas de grandes lembranças historicas. Aguirre alli degollou sua filha, Orellana ali seguiu a Diogo Pizarro, e pretendendo roubar-lhe a gloria, expôz seus companheiros a todos os horrores do fome.

Soluços meio articulados, abalaram um dia as sombrias abobadas : não era o grito queixoso do

selvagem, nem o miado entrecortado do jaguar ferido pelo caçador ; nem um só caçador ha muitos dias tinha aparecido n'essa solidão ; o mesmo tigre procurava outras florestas, e as aves vagando pelos ares, buscavam em silencio outro asilo. Gritos prolongaram-se ainda, e a floresta ficou muda : só se ouvio o zumbido confuso de myriades de insectos, que esvoaçam em espessas nuvens nas florestas americanas, por entre os quentes vapores que se vêem elevar do rio, e que pelo declinar do dia se abatem, como um lençol mortuário.

Se qualquer viajante tivesse penetrado n'essa solidão, teria presenciado a terrivel verdade que avanço, e á qual nada accrescento ; uma mulher, por cujos vestidos esfarrapados de sêda, e pela cadeia de ouro, que pendia inda de seu pescoco, reconhecer-se-hia ter gozado de todas as suavidades da opulencia ; uma mulher só com a força da alma, e a coragem do coração, estava deitada junto de sete cadaveres ; os cadaveres não estão ensanguentados ; o jaguar não os despedaçou, o Indio não os atravessou com sua frecha envenenada ; uma morte muito mais lenta os abatêu com seu invisivel sopro : foi a fome quem os matou.

Entre os lividos corpos ha tres moças, duas crianças, dois homens, que muito devem ter resistido, porque conservam ainda o aspecto da força ; mas engano-me ; o mais moço inda não está morto, balbucia palavras de agonia, e essa mulher de quem vos fallava ha pouco, com custo se levanta ; quer ainda ouvir uma voz humana no meio da solidão, que vae entrar em terrivel silencio ; quer ouvir as ultimas palavras do homem que é seu irmão ; e pelos tormentos que em si proprio experimenta, comprehende ser a ultima vez que os sons roucos de sua voz se confundirão com sopro oprimido que a detem.... Esse cadaver vivo a encara, e recae em frio entorpecimento ; a custo respira o ar abrasado da floresta, dá um grito.... é o ultimo.... e ella após sua morte não pôde acreditar em tantas desgraças : desvairada, arranca algumas folhas, não para si a quem a fome devora, mas para esse amigo, o unico que possue no deserto ; oferece-se-lhe com angustia um fructo secco... inclinada sobre elle interroga seus olhos entre-abertos....

não, os dentes do infeliz serrados pela fome, não se abrirão mais.... ella o comprehende, ajoelha-se e reza.... Quem lhe fará ouvir uma voz humana, uma voz de socorro, a cem leguas de toda a terra habitada?... Debalde quereria sepultar seu querido irmão, não o pôde, a terra resiste a seus esforços. Que miseria!... E não ha n'isto se não a verdade.

Passando dois dias pensa em fugir, é preciso tornar a ver seu marido, pois foi por sua causa que comprehendeu a viagem. Ha mil leguas até á margem do mar, ella as fará.... Mas ha muitos dias que não come: seus delicados pés estão dilacerados pelos espinhos.... Que importa!.... Toma os sapatos dos mortos, e cil-a que caminha pela floresta sem fim.

Se se descrevesse uma scena igual em um romance, não se acreditaria, no em tanto, repitamos, isto não é se não a pura verdade.

Vejamos agora Madame Godin des Odonais, (por suas desgraças, ter-se-ha comprehendido seu nome) caminhando sempre através d'essas imensas arvores; e o que é mais terrível, caminhando sem destino, e com um unico pensamento.... Sua imaginação impressionada pelo espanto, povoa essas grandes matas de phantasmas, e no entanto ha horrores reaes n'essa solidão, para comprehenderlos é preciso tel-os experimentado por vezes, no meio do sinistro crepúsculo do decahir da noite, ella pára julgando que uma voz a chama; mas é o grito do hocco, cujo som assemelha-se á voz de um muribundo; mais adiante, se olha para cima, dois olhos afogueados aparecem entre os cipós, é um macaco Belzebuth, que desaparece assoviando. Agora, cil-a que transpõe um grande charco d'agoa esverdiado, em risco de se afogar, e procurando sustentar-se nas plantas que crescem sobre as margens, uma palmeira espinhosa lhe faz, salvando-a, uma dolorosa ferida: mas, como prosegui? cil-a que penetra por grandes arbustos, que fazem frias, e rápidas incisões, sem tirar sangue; eis que milhares de carapatos juntam suas horríveis mordidas ás picadas dos cactus, e ás mordidas ardentes das formigas; ha pouco quiz galgar um enorme tronco de arvore, ao qual a acção dos séculos minou occultamente; seu pé introduz-se n'esse cadáver vegetal, e milhares de escorpiões d'elle brotam, agitando seus ferrões; vence o obstáculo, ouve um movimento, duas luzes esverdiadas brilham na sombra, ouve um surdo miado, é um jaguar: sem duvida porém está saciado, pois que foge, como acontece muitas vezes com o tigre da

America, o ente mais caprichoso que se conhece em sua ferocidade. Ah! sem duvida dir-se-ha, são muitas desgraças; esta terrível narração é imaginaria.... Esta narração não é nada á vista do que experimentou Madame des Odonais.

Agora que ella caiu extenuada junto a uma arvore, vagueando a vista em derredor de si, e interrogando com anxiedade todos os rumores: e que depois de estar segura que tudo jaz em silêncio fica por alguns instantes em sombrio repouso; vamos dizer como se acha só, nas grandes florestas das margens do Méta.

PARTE RELIGIOSA.

UMA IRMÃ DE CARIDADE.

No meio das emoções dolorosas que se experimenta mais ou menos tempo n'um hospital, algumas ha tão agradaveis que nunca mais se podem esquecer.

Pretendo fallar das emoções produzidas pelos cuidados affectuosos, que recebe todo o militar ou paisano, quando entra n'um estabelecimento hospitaleiro, quer sua doença seja consequencia de feridas honrosas, quer seja do desespero da miseria e do vicio! Mãe nenhuma se dedicaria com mais extremoso ardor em busca de lenitivo ás dores de seu filho amado, nenhuma irmã se mostraria mais terna para seu irmão querido, do que essas sanctas mulheres denominadas Irmãs da Charidade.

Eloquentes pennastem narrado os actos diarios de sua dedicação sempre escondidos dos olhos da vaidade, e continuamente renovadas: e por isso não ousarei emprehender tratar um tal assunto. Se me arrogo, porém, a honra de vos dirigir estas linhas, é com o sim unico de prestar uma homenagem de respeitoso sentimento e saudosa admiração a uma irmã trinitaria, nascida no Puy, a qual acaba de morrer aos vinte e dois annos de idade.

Conforme o uso piedoso das communidades religiosas o corpo da irmã tinha sido exposto, quasi logo depois da sua morte: eu pude contemplar seu rosto sereno e meigo, até pela morte respeitado!... Marie Adolpheine parecia ainda sorrir-se: separada tranquilamente d'esta vida sem as apparencias dolorosas de quem morre, dir-se-hia apenas ser um anjo adormecido entre nós, e transportado nas azas do sonno para accordar junto ao throno de Deos! de Deos que não quiz prolongar mais o desterro d'esta creature privilegiada...

Mme. Adèle Tavernier nascida no Puy (Haute-Loire) em 6 de maio de 1833 perdeu sua mãe

quasi ao nascer; porém o anjo do Senhor velou sobre ella, e poz sua infancia a salvo de todo o perigo; seu pae que a amava ternamente confiou sua educação ás Irmãs de Sancta Maria, que em breve lhe formaram o coração em todas as virtudes.

Voltando á familia servio-lhe de mãe; e principiou desde então uma vida de abnegação e de caridade, cheia de saude, cheia de esperança. Obteve de seu pae autorisação, que debalde solicitara por muitos annos, para entrar em uma comunidade de Religiosas Trinitarias hospitaleras e fundadoras de Valence (Drône); ahí foi acolhida com alegria, porque as superioras d'esta casa já a conheciam.

Dedicou-se logo sem reserva ao exercicio de sua piedosa vocação, e no momento em que seus desejos iam realizar-se foi ferida pela morte! tão nobre coração não estava formado para a terra: cumpre, dizia ella, dedicar-se ou morrer.

Eu só lamento a perda da vida pelo bem que poderia fazer; julgo-me, porém, feliz por morrer na religião, faça-se assim a vontade de Deos.

O cruel momento das despedidas de seu pae, e de suas irmãs foi terrível a todas, só ella se mostrava tranquilla, diligenciando consolar aquelles, a quem deixava: « Não choreis, lhes dizia ella, vou encontrar-me com minha mãe no Ceo, vou para o Ceo onde nos encontraremos todos.

Tinha abandonado paes, amigos e fortuna para se consagrar ás admiraveis funções de RELIGIOSA HOSPITALEIRA; e assim é que continuava alguns minutos antes de morrer seu papel de consoladora dos afflictos.

O espectaculo da morte é sempre cruel! ainda mesmo no campo de batalha ninguem se abituaria a elle.

Que desespero! no momento da perda d'um objecto amado as consolações servem apenas para aumentar a dor. Que diferença nos oferece a morte de uma Sancta! ás suas companheiras genuflexas não se ouve um só gemido. A afflição que ellas sentem é tranquilla pela suprema esperança de tornar a encontrar um dia a amiga que as deixa; a certeza de ter no Ceo um interprete mais proxime a Deos ajuda-as a esperar com confiança a hora que, com razão, consideram fim de seus males.

As exequias de Mme. Tavernier foram celebradas no meio de uma multidão immensa.

O Vigario Veyssière, irmão do pregador do mesmo nome em Perpignan, e alliado da familia presidia e esta ceremonia.

A tumba da irmã Marie Adolphine estava ornada de perpetuas, e a cruz encarnada e azul collocada sobre a mortalha symbolisava os laços sagrados da familia religiosa.

O corpo da virgem foi posto em um carneiro, onde tinham sido sepultadas cinco de suas companheiras, como ella mortas, pela maior parte na flor da idade.

Depois de contemplar esta mulher, morta ainda na flor dos annos, depois de a ter visto com seu ineffável sorriso, perguntei, a mim mesmo, se um tal espectaculo não seria a mais salutarelição que se pôde dar a um homem?.. se um tal espectaculo não seria uma prova palpável da belleza, da grandeza, da força da Religião Catholica?

A consciencia disse-me que SIM.

(*Extrahido de L'Univers.*)

P. JOAQUIM MENDES DE PAIVA.

PARTE NOTICIOSA.

FESTA VOTIVA.

A arca do testamento antigo é incontestavelmente a imagem da religião: os que não se acoillhem á ella, nos dias borrascosos da vida, perecem. A confiança na Providencia é taboa do salvacão, que nunca falta no naufragio: com ella o fraco torna-se forte, o forte prudente, o desregrado, e o extraviado em Magdalena ou filho prodigo. Com a confiança em Deos, o pequeno David aniquilla o philesteu gigante, a aza candida do anjo custodio derruba a espada do archanjo da morte.

Não ha muitos dias que uma negra e terrível calamidade pairou sobre esta cidade; e o halito pestilente d'uma horrorosa epidemia ceifava victimas aos centos. A cholera foi a irmã gemea da febre perniciosa que veio adiantar e consummar a missão devastadora d'uma calamidade publica, cujos gritos de dor e ais de moribundos, soltavam-se do centro das casas. Quadros tão dolorosos e pungentes como estes nunca os havia presenciado o Brasil: da primeira vez appealou-se para a sciencia humana; e a sciencia humana quasi não nos valeu; da segunda vez abrigamo-nos sob o manto roseo e verde da charidade, e esta filha predilecta da religião afogou o monstro no seu berço: mitigou as dôres, consolou as miserias e resgatou centenares de vidas.

Foi n'esta suprema afflição, que o collegio episcopal de S. Pedro d'Alcantara se arrastou ao altar do Deos tres vezes sancto na phase do Apocalypse; e ahí pediu a intersessão d'um sancto, que é especialmente o intercessor da humanidade, nos dias calamitosos da guerra, da fome e da peste.

Os votos intimos d'esses quatro sacerdotes, que dirigem o bem montado collegio episcopal, as preces de mais de cento e cincoenta pessoas, na maxima parte mimosos e ternos penhores de tantas mães assustadas, esse confiado crer e esperar na Providencia preservou aquelle estabellecimento de ser vesitado por um hospede sinistro, que, no seu bafejar, traz a mais angustiada das mortes.

No dia 20 do corrente, dia do sancto martyr S. Sebastião teve logar a missa votiva, á qual concorreram muitas pessoas distintas entre as quaes os Srs. conselheiros Sergio, e Barboza, presidente da provincia do Rio de Janeiro, com sua familia, que foram tambem agradecer á Providencia haver-lhes poupado tres queridos filhos, que so educam e instruem n'aquelle casa.

A musica foi genuinamente religiosa: essas notas sensuaes da opera italiana não reboam no humilde tecto d'aquelle irmida: alli a religião professa-se e não se ostenta.

Prégou ao evangelho, pela primeira vez, o joven sacerdote, o Sr. padre-mestre Francisco Mendes de Paiva. Tambem o seu discurso foi essencialmente religioso, escripto com talento, com eloquencia e philosophia, e recitado com uma unção religiosa que a todos commoveu; e não escripto com essa profusão de conceitos rhetoricos e profanos, e com esse declamar caricatico, que alguns pregadores costumam ir respigar aos palcos dos theatros heroi-comicos.

No discurso do Sr. padre Paiva revelou-se um orador de muitas esperanças. Se elle se consagrar com empenho á missão do pulpito pôde ser um dos mais benemeritos apostolos da religião; pôde em breve concorrer com os poucos distintos oradores que hoje honram os pulpitos; e ajuda-los a neutralisar os esforços de muitos vivandeiros, que vão ostentar na cadeira dos pregadores a lepra da ignorancia, que, dizem muitos, coube em partilha á maxima parte do clero actual.

O Sr. padre Paiva, como dissemos, é ainda muito joven: estreou anunciando-se um distinto pregador, urge que não se contente com o primeiro triumpho, que se compenetre da augusta missão, que a religião tem a exercer em nossos dias; que a olhe segundo a historia e a philosophia, que a examine sob o ponto de vista essencialmente catholico, porém muito mais segundo o espirito evangélico; e depois que estude esses segredos magicos da eloquencia sagrada, que pôde ainda hoje engrandecer-se, em face da corrupção social, como

antigamente nascera grandes nas catacumbas, nos circos do martyrio, e no ultimo espedacar-se e aniquillar-se dos idолос.

Aos pregadores, especialmente, pensamos nós, cabe fazer a reforma do clero; e é nossa theoria e doutrina, que os poucos oradores bons semeiem no pulpito trigo sem joio na consciencia do povo: vivificará a ceára; e a regeneração moral e social dos costumes hade reflectir na ordem sacerdotal. Como o écho da voz, que soltámos, vem repercutir em nossos ouvidos, assim a acção benefica do pulpito hade reflectir da palavra de poucos nas consciencias e no dever de muitos.

Eis as rapidas reflexões que nos suggerio o discurso religioso do Sr. padre mestre Francisco Mendes de Paiva. Felicitamo-lo pela sua feliz estreia: felicitamos a seus respeitaveis irmãos pela satisfação intima que hão de ter, de ver tão vantajosamente aproveitado o mais moço levita da familia sacerdotal, e felicitâmos a seus velhos e veneraveis pais, que, lá tão longe, hão de chorar de alegria e pezar: de alegria, por que deram um atheleta para a Igreja, de pezar, porque não presenciam o espetáculo, que annunciamos, e que para o coração de pai não ha outro que se lhe assemelhe.

No imediato numero daremos aos nossos leitores a integra do discurso, a que nos temos referido.

REVISTA SEMANAL.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR.

CARTA II.

(Ao voar da pena.)

MEU CARO AMIGO. Em quanto eu punha a ultima de mão na minha carta precedente, um chimico tenebroso fazia as suas operações tenebrosas no primeiro theatro nacional do imperio. Dentro em duas horas o theatro de S. Pedro, que ha pouco déra um variado expectáculo, não era mais do que um montão de ruinas fumegantes: pela segunda vez o faxo do incendiario havia sido sacudido sobre o templo da arte.

Não vos darei os promenores, já expostos nos jornaes, nem vos confiarei as conjecturas, que se aventam em todos os circulos. O que não resta a menor dúvida é que o incêndio foi parte d'um crime horrorivel e monstruoso, e não filho d'um acaso ou d'um descuido. Mas parece que o faxo não deixou rastro de cinzas, ou então a polícia não tem olhos de Argos e de lynce como cumpre que tenha.

No romance monumental de Alexandre Dumas o *Conde de Monte Christo*, no capitulo, em que o padre Faria interroga a Edmundo sobre a causa da sua prisão, há um fundo de philosophia da parte do padre *dundo*, que deveria aproveitar-se e inserir-se nos códigos de indagações policiais; sobre tudo há a citação d'uma maxima de direito que não deve ser desprezada; » se quereis descobrir o culpado, vede a quem pôde o crime ser útil. »

O caso é grave. Perpetrou-se um grande crime, talvez por interesses mesquinhos: o telescópio misterioso da polícia deve descobrir o seu auctor, para que se não diga que ella agarra os mosquitos, e deixa fugir os elefantes.

Este facto veio ao menos contrapezar-se com uma consolação, e vem a ser, que já não estamos no tempo de Camões, em que a indiferença egoistica, em que a ignorância fardada de sedas, e bordada de latejoulas deixava morrer nos hospitais os genios da sua epocha.

O Sr. João Caetano dos Santos tem recebido as mais solenes provas de consideração ao seu distintos mérito, e aos relevantes serviços que tem prestado á arte dramatica, enobrecendo-a, e consagrando-a não só á civilização publica, mas á mitigatione de muita lagrima, ao curativo de muita ferida que sangra, ao impulso de muitas instituições e necessidades publicas.

Pois bem! Hontem era elle um doador com toda a efusão de um coração magnanimo, hoje é elle o doado pela munificencia publica, resumida na munificencia imperial, e na protecção do governo.

O passo que deu a directoria do Cassino Dramatico é um facto de muita significação: elle honra o obsequiador e o obsequiado. Nesse documento que se lê na ultima *Semana* revela-se a nobreza d'alma d'uma corporação, e a talentosa intelligença do seu benemerito presidente.

E' hoje quasi liquido que o nosso primeiro artista terá um theatro digno d'ele e do publico; e assim devia ser para que a historia futura não nos increpasse de havermos despendido sommas enormes com o lyrico, e passaros de arribação, deixando em miseria a arte dramatica, e em dificuldades o artista por excellencia.

THEATRO LYRICO. O governo devia de ha muito ter attendido aos reclamos da imprensa, e olhado com toda a seriedade para aquella barraca de escandalosos misterios. Aquelle sorvedouro de cento e vinte contos, que se escoam em troça de farrapos e ouropeis, que são sacrificados ao *venha mais a*

nós de especuladores e pescadores de aguas turvas, sem espirito algum de civilisação publica por este recurso das harmonias, esse theatro de des-harmonias devia ter sido superintendido pelo Sr. ministro do Imperio. Ha flagrantes transgressões do compromisso que podiam ser encheradas até por um cego de nascença, quanto mais pelo ministerio que não usa de oculos.

A directoria d'aquella *cousa* tem-se envolvido vergonhosamente em pateadas e ovações: tem manifestado ora a uma, ora a outra cantora, segundo seus calculos especulativos, apoio e predilecção; e d'esta maneira feito oscilar a balança dos partidos da plateia, trasendo-os n'uma vertigem insensata.

E' d'aqui que proveio essa escandalosa assuada, que teve lugar na noite de 28. Uma distinta artista e uma estimavel senhora foi brutalmente tratada, nem que o theatro fosse uma praça de touros ou theatro de volantins de arraial.

As folhas diarias foram accordes em inculpar ao Sr. Dr. Cunha d'este desagradavel sucesso: o *Diario do Rio* levou esta opinião ao ponto de impertinencia; mas não sei eu em que isto se fundamenta. Não é com fuziladas, com bravatas de prisões, que deve um juiz de theatro proceder contra moços, embora insensatos e menos prudentes, mas decentes e que se julgam com o direito de aprovar ou reprovar o merito das artisias.

Foi escandaloso e vergonhoso o facto que se consummou, porque foi acompanhado de circunstancias aggravantes. As pessoas de SS. MM. II. a qualidade de distinta artista e estimavel senhora que concorriam na Sra. Charton, uma noite de beneficio, um publico numeroso, e especialmente o écho d'esta façanha no estrangeiro carece por certo de um exemplo de repressão; mas como o podia prevenir o Sr. Dr. Cunha?

Se quando um dos espeques da directoria, foi fazer o seu aviso, como dizem que se fez, o Sr. Dr. Cunha prendesse a platea, e a directoria, aquella por medida preventiva, e esta para ser processada por infractora de contracto, o que se diria de um juiz que tal fizesse?

O que lá vai, lá vai. Resta agora dar um exemplo: o Sr. Dr. Cunha pela mancinha hade da-lo, bem como sem espalhafato e pela mancinha vae pescando caxeiros generosos, que do pão de seu compadre dão um bom pedaço ao seu afilhado.

Não é tão facil sentar-se no camarote da inspecção e acalmar a febre de entusiasmos imprudentes

como escrever um artigo sobre uma meza inofensiva, e atira-lo a leitores inoffensivos.

INSTITUTO DRAMATICO. Esta corporação litteraria, que até aqui tem estado em sessões de organisação, obteve de S. M. o Imperador o titulo do protectorado. No dia 30 houve sessão solemne para se publicar a resposta de Sua Magestade. O Sr. visconde de Sapucahy declarou que S. M. o Imperador se tinha dignado conceder ao INSTITUTO DRAMATICO BRASILEIRO o titulo do seu protectorado, e que havia agradecido as provas de veneração e dedicação que o Instituto lhe havia votado.

Esta declaração foi solememente recebida, em pé, e com todas as manifestações do mais profundo contentamento.

Deliberou-se por acclamação que no dia 19 de dezembro, dia em que S. M. o Imperador se havia dignado conceder o protectorado, fosse o dia consagrado para as sessões anniversarias: e que uma deputação composta dos Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Cordeiro e Araujo, Raposo de Almeida e Victorino de Barros, Drs. Duque-Estrada e Paula Menezes, fossem encarregados de, em nome do Instituto, ir beijar a mão do seu Augusto Protector.

Os mais felizes auspicios presidem ao Instituto: exalá que elle os saiba aproveitar, e cumprir a grande missão que se impoz.

ALARME JORNALISTICO. — Antigamente uma esquadra ou um exercito é que punham em alarme uma cidade, como um desembarque de mouros punha em conflagração uma povoação maritima: hoje um papelorio qualquer tem o mesmo poder.

O nosso *Jornal do Commercio* que cobrou boa fama, mas que em vez de deitar-se a dormir, impinge-nos varias vezes suas noticias da meia noite, commetteu a insensatez de publicar que a empresa da rua do Cano ia commecer as edificações pelo lado do Rocio: e fez umas taes insinuações, que na realidade foram por demais imprudentes, e impróprias d'aquelle velho circunspecto, impoado, de casaca e espadim, como um illustrado e moderno barão.

O *Correio Mercantil*, que personifica a mocidade pretenciosa contra os direitos adquiridos dos velhos, e que não deixa passar incolum um catarice do velho feudal, deitou-se ao pobre do morgado e deu-lhe um pega de mal informado (scilicet mentiroso). O *Diario* que, no menoscabo em que se debate, vae na retaguarda das novidades, parodiou o *Jornal* no mesmo dia em que o *Correio*

Mercantil pulverisava a noticia. Foi uma briga de comadres irreconciliaveis, que fez rir á imprensa pequena, se é que a pequenez em objectos de espirito se mede com os olhos, ou com a intelligencia.

São brancos lá se entendem. Eu cá sou como o sargento de Astorga, que com a minha correspondencia venho de *refuerço hasta la Semana*: e são estas todas as minhas relações com a imprensa. Mas estou na casa dos pobres, é natural que me ria das fraquezas dos ricos.

Por hoje basta. Vou entregar-me ás vertigens do carnaval. Depois de recobrar o juizo com a cinza de quarta-feira, continuarei a escrever-vos

O AMIGO DA CORTE AO DA PROVINCIA.

VARIEDADES.

PARIS 12 DE DEZEMBRO DE 1855.

PRECLARO REDACTOR DA SEMANA. Eis-me, charro amigo meo, em frente da tua carta, e correndo-me as lagrimas em fio pela cara abaixo; choro por ti e choro por mim... ou antes, para fallar mais natural e grammaticalmente, choro por mim e choro por ti.

Annuncias-me que vais subir ao pinaculo da opinião — á tribuna da intelligencia — ao wagon do progresso — á cadeira da verdade — á curul da civilisação.... ou, mais châmente, que vais redigir um periodico, porque todos aquelles perdidotos da philaucia jornalistica são uma perissologia, uma tautologia pedantesca de *inania verba*; outros rotulos quadram á imprensa egualmente bem; é trombeta, é berimbau, é pelourinho, é volatim, é caixa destemperada, é corda bamba, é coveiro, é polichinello, é....

Mas dize cá, meu pobre amigo; tu mataste teo pae? blasfemaste contra os deuses immortaes? fizeste, com brandão incendiario, anniquilar monumentos? invenenaste aguas de uma cidade indefensa? degolaste innocentes?... que attenta deenorme perpetraste para, por tua mesma mão, te penitenciares por tal arte? Doe-me o teo sofrimento, amigo, que deve ser infernal; horrifica-me o estado da tua consciencia: Sisypho voluntario, Tantalo por escolha, Danaide espon-taneo, acarretas a mythologia para a vida real, e a ti mesmo te condemnas á todas essas barba ras experiencias. Redactor de um jornal! mal pensava tua mãe, aliás te estrefegaria á nascença, que a tua sina te incaminhava por tão lamentaveis sendas!

Oh tempora! oh mores! quão mudados correm os taes tempos e as taes amoras! O bom dos nossos honrados avós, o seu branco, o seu brio, é hoje o máo, o preto, a irrisão. Levam agora os

jornaes a devisar da vida alheia, a aconselhar a quem lh' o não pede, a expôr ao soalheiro o que antes se recatava. Para contraste de costumes, sempre me ficaram de memoria aquellas famosas trovas do Cancioneiro de Rezende, com a regra para quem quizesse viver em paz ; dizia o meu cabelleiro :

Oave, vê e cala,
E viverás vida folgada !
Tua porta cerrarás,
Teu vtsinho louvarás,
Quanto podes não farás,
Quanto sabes não dirás,
Quanto vês não julgarás,
Quanto ouves não crerás
Se queres viver em paz.
Seis cousas sempre vê,
Quando falares, te mando !
— De quem falas — onde — e que
E a quem — e como — e quando.
Nunca fies, nem perfies,
Nem a outrem injuries ;
Não estés muito na praça,
Nem te rias de quem passa.
Seja ten todo o que vestes,
A ribaldos não doestes,
Nem cavalgarás a potro,
Nem tua mulher gaben a outro.
Não cures de ser picão,
Nem travar contra rasão ;
Assim lograrás tuas cans
Com tuas queixadas sans.

Mas é que n'esse tempo ainda não havia *imprensa periodica* ; por mercé e obra d'ella conservam-se agora queixadas sans, travando contra razão, rindo de quem passa, injuriando outrem, dizendo o que se sabe e se inventa, julgando o que se vê e se imagina, fazendo o que se pode e não pode cavalgando o potro e gabando a mulher ao outro. Entra pois tu tambem para a confraria da moda.

Anda lá, anda, inexperiente creatura ; atira-te ao trabalho 'insano, inglorio, eterno ; fecha aos pés as bragas d'essa intoleravel galé ; em labutaçao incessante, excava a mente para ephemero goso de vilões ; volteia n'essa perpetua nora, em que sem descanso se caminha sem adiantar caminho ; prostitue tua alma virgem para que as turbas te exaltem ; vangloria-te, sarapintado, no teu carro de Thespis ; se queres agradar ao embotado velho, ao povo, dize á tua pena que faça obra de rameira das praças, arrebicando-se e mentin docom os berros da sua avinhada voz....

Emfim estás emancipado, és senhor das tuas accões, e como eu já vi, em Saragoça, um homem que me descreveu a sua paixão pela vida de carrasco, pintando do modo mais poetico as commoções, os enlevos, as bellesas do officio, digo que entre gostos não ha disputa, e que o cidadão é livre de escolher para si a profissão de mestre de meninos, de limpa-chaminés, de beleguim, de apontador de omnibus, e até de jornalista ; a crueldade para si mesmo, não chegan-

do ao suicidio (se é que tudo isso não passa) é cousa licita.

Mas arrastar os outros ? isso é perversidade. Lembra-me aquelle conto do Hoffmann, ou de não sei que outro doudo, em que um defuncto, por vigança, se agarrou durante longos annos a um vivo, sempre combatendo, sempre impellindo-o. Homem tu és o meu defuncto :

— Perdão, esqueleto ! deixa-me na terra dos vivos.

— Não quero, marcha.

— Mas eu vivia tão socegado....

— Por isso mesmo, segue-me.

— Por ahi não, que tem chamas, dragões, serpentes, tenazes, azeite fervendo, phantasmas...

— Que me importa ? eu sou espirito.

— Mas eu não ; compaixão, Sr. defuncto ; a mim essas brasas queimam-me, essas cobras envenenam-me, aterraram-me esses phantasmas, esse liquor incandescente pela-me...

— Maldicção ! por isso mesmo ! vivo, emagine-te morto e marcha sobre essas brasas !

Pois seja assim, e vamos á tal tarefa. Vejamos as instruções :

. . . Art. 3º — Mandará, de Pariz, uma correspondencia regular pelos navios do Havre, paquetes de Southampton, e vapores de Lisboa, *Resposta* : Sim Sr., mas quando lhe faltar por acaso, não me mandará enforcar.

. . . Art. 5º — Será d'ella excluida a politica geral ou particular. *Resposta* : Apoiadissimo até porque é senhora com quem me não entendo. Se eu me ostentasse alliado, desagrariam a os russos, ou vice-versa ; se monarchico, a os republicanos, se revolucionario, a os conservadores, etc., etc. Tem razão; campo neutro; graças com que todos se riam.

Art. 6º — Dê-nos algumas noticias da Europa, e especialmente de Pariz. *Resposta* : Estou em casa.

Art. 7º — Artes, sciencias, industrias, manufaturas, inventos, descripções. . . *Resposta* : Tenho percebido ; quer uma moxirisada, um tohu-bohu, um trapezape de noticias e cousas sem nexo ; farei por obedecer.

Art. 8º — Recommendam-se muito especialmente contos do dia, anedotas historias bem narradas ; n'este ponto importa pouco o exame da veracidade dos detalhes, ou se o casco é Karr, Durand, Guisot, Dumas, *Gazeta dos Tribunaes*, ou qualquier outro expositor : toda a questão é vir a historia interessante, e guisada ao nosso paladar. *Resposta* : Tomo attenta nota ; mas olhe depois não se me levante com o santo e com a esmola, lavre termo de acceptação do mandato, nos limites em que me é conferido, e depois não me responsabilise além d'elles, lembrando-se que a procuraçao traz reserva de nova citação.

Falta-me ler mais trinta e nove artigos, mas trahem-me as forças, e faço synalepha do res-tante, que supponho advinhar.

Já vês tu, meu bom redactor, que esta pri-meira carta não é feita por parte do minotauro, conhecido pelo nome de publico. Na minha indo-mita franqueza, dou-lhe torquezadas, que o pre-disporiam tremendamente contra mim; ora todos os jornalistas são cortezãos, e isso aprende-se depressa; os corcundas cortezãos dos reis; os pa-tuléas cortezãos dos povos; portanto todos os caminhossão macadamisados de lisonja, mas todos vão dar á Roma. Tu, quando esta receberes, já te-ràs mezes de existencia; já, na phrase da moda, o *teu pensamento não balbuciara o verbo dos teus destinos*; já terás trocado a lingua de preto novo por mais ladinhas ademães, e saberás usar para com os meos escriptos uma censura, de que te deixo ampla liberdade, porque tu é que conheces os teus assignantes, e como homem de juizo de-ves já ter no teu escriptorio um *bojometro*, que é um complicado instrumento, inventado cá pela catholica, e que tenciono mandar á proxima ex-posição, á ganhar a grande medalha de honra.

E' um machinismo com que se mede o *bojo* dos leitores; compõe-se de um estálão de intel-ligencia; uma valvula de moralidade; uma de instrucción; duas rodas dentadas de pouca-ver-gonha; com seus martinetes e abafadores de uma cousa que eu cá sei, e me não convém divulgar, por causa da patente de invenção.

Ora pois, cedo voltará á tua presença o teu
Velho amigo
D. José da Pampulha.

A MINHA IRMÃ.

Perguntas, minha irmã, se tão distante
Já me não lembra acaso o nome teu?
Perguntas se o desterro, o mar, os annos
Tão puro e santo amor arrefeceu?

Oh! não! que éra impossivel! Nem ha força
Que logre as nossas almas dividir!
Podem laços mais frageis desatar-se;
Irmãos, porém, quem hade desunir?

Se no brando calor do mesmo seio
Encontrâmos da vida o doce alento,
Se o mesmo berço inda conserva unidas
Duas datas, o nosso nascimento?

Como podem riscar-se da memoria
Esses dias de paz abençoados,
Que volveram serenos como os astros
Em luminosa senda deslisados?

Esses dias de candida innocencia
Em que a vida não tem noite sombria;
E' tudo aurora, luz, perfume e rosas
Acompanhado d'intima harmonia?

Quanto mais a existencia se avisinha
Do seu termo fatal, mais a saudade

Nos punge, minha irmã, nos traz á mente
As lembranças da nossa mocidade.

E tu perguntas inda se não penso
Na tua doce imagem? Santa e pura,
Irmã do meu affecto! — alma nascida
Como a dos anjos, d'amor e de ternura!

Oh! sim!.. Eu penso em ti: tu formas parte
Do meu ser immortal, associados
Andam nossos espiritos; embora
Os nossos corpos existam separados!

Penso em ti, como o triste prisioneiro,
Quando desce da noite a escuridão
Pensa no lar saudoso, e crusa os braços
Encostado no muro da prisão!

Penso em ti, como o pobre navegante
Pensa na patria, e sente a meiga esp'rança
Após a tempestade renascer-lhe
Nas ondas, que se vestem de bonança?

Penso em ti, como pensa o filho amante
Na ternura dos maternas carinhos;
E como a mãe, que scisma no futuro
Abraçada no grupo dos filhinhos!

Penso em ti, como os anjos vigilantes
Nas almas predilectas, cuja essencia
Purificada nos trances d'este mundo
Darà a novos anjos a existencia.

Oh! penso em ti, com esse affecto extremo
Mais brando que o amor; porém mais santo;
Sentimento ineffavel em que o risco
Brotá da fonte, donde nasce o pranto.

Penso em ti, como o anjo, que te guarda
E na sombra das asas te adormece,
Que orando de mãos postas junto ao leito
Em teus candidos sonhos apparece.

Penso em ti: minha irmã, quer a tristeza
Em profundo scismar me enrugue a fronte,
Quer n'um curto momento de alegria
O coração me pulse de contente!

A. E. ZALUAR.

EXPEDIENTE.

A capa pertencente ao mez de Janeiro será em breve distribuida.

Em consequencia dos dias de carnaval damos este numero com 8 paginas.

A assignatura está aberta n'esta typographia. Por anno 8.000, por semestre 4.000, por trimestre 2.000, por mez 2.000. Para as provincias ou pelo correio, por anno somente, 10.000.

As reclamações devem ser feitas por escrito.

Typ. de N. L. VIANNA & FILHOS, rua d'Ajuda n. 79.